

Cultura, Cidadania e Políticas Públicas

Alvaro Daniel Costa
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Alvaro Daniel Costa

(Organizador)

Cultura, Cidadania
e Políticas Públicas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, cidadania e políticas públicas [recurso eletrônico] /
Organizador Alvaro Daniel Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-077-3

DOI 10.22533/at.ed.773192501

1. Educação – Brasil. 2. Cidadania. 3. Políticas públicas –
Educação. 4. Prática de ensino. 5. Professores – Formação. I. Costa,
Alvaro Daniel.

CDD 323.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Cultura , Cidadania e Políticas Públicas”* possui uma série de 84 artigos que abordam os mais variados temas nas áreas relacionadas a área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Educação.

O volume I é intitulado “cultura, políticas públicas e sociais” e mostra a diversidade de análises científicas em assuntos que vão desde uma análise sociocultural perpassando pelas questões socioeconômicas da sociedade brasileira e latino-americana.

Já o volume II intitulado *“educação, inclusão e cidadania- práticas pedagógicas na cultura educacional”* é inteiro dedicado a área educacional, com textos de pesquisadores que falam sobre uma educação inclusiva em assuntos como autismo, formação profissional nas mais diversas áreas dentro do espectro educativo, além de uma análise sobre os impactos da reforma do ensino médio e sobre lo direito fundamental à educação.

No terceiro volume o assunto é no que tange as *“práticas educacionais, mídia e relação com as políticas públicas e cidadania”* sendo esse volume uma continuidade dos artigos da parte II com artigos que falam sobre práticas pedagógicas, além de textos que trazem sobre assuntos da área comunicacional.

A quarta e última parte é intitulada *“cultura, literatura, educação e políticas públicas- questões multidisciplinares”* e possui uma versatilidade temática que vai da área literária e novamente sobre algumas práticas pedagógicas.

A grande diversidade de artigos deste livro demonstra a importância da análise de temas que dialogam com as práticas de políticas públicas, sejam através da área educacional, comunicação ou aquelas que analisam a sociedade a partir de um viés histórico, cultural ou até mesmo econômico.

Boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CULTURA E COMPLEXIDADE NOS PROJETOS E NAS POLÍTICAS PÚBLICAS CONTEMPORÂNEAS	
Maria Beatriz Afflalo Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.7731925011	
CAPÍTULO 2	16
ACERVO MATERIAL E DOCUMENTAL: A MEMÓRIA HISTÓRICA COMO POLÍTICA CULTURAL	
Sílvia Rachi	
DOI 10.22533/at.ed.7731925012	
CAPÍTULO 3	28
AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO EM RIO VERDE - GO	
Ana Paula Felix Arantes	
DOI 10.22533/at.ed.7731925013	
CAPÍTULO 4	36
CULTURA E DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES: POLÍTICA CULTURAL PARA QUEM?	
Carla Cristina Rosa de Almeida	
João Policarpo Rodrigues Lima	
Maria Fernanda Gatto	
DOI 10.22533/at.ed.7731925014	
CAPÍTULO 5	52
PATRIMÔNIO CULTURAL EM PERIGO – A ARTE FUNERÁRIA E O DESCASO COM SUA PROTEÇÃO EM JUIZ DE FORA/MG	
Leandro Gracioso de Almeida e Silva	
Marlise Buchweitz	
DOI 10.22533/at.ed.7731925015	
CAPÍTULO 6	63
POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS E CONDIÇÕES ESTRATÉGICAS DE FOMENTO À ECONOMIA CRIATIVA: O CASO BRASILEIRO DA PERSPECTIVA DO PLANO DA SECRETARIA DE ECONOMIA CRIATIVA (2011-2014)	
Jessica Rani Ferreira de Sousa	
Henrique César Muzzio	
Jackeline Amantino de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.7731925016	
CAPÍTULO 7	76
POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITO DA PESSOA IDOSA: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE IDOSOS/ AS USUÁRIOS/AS DO CENTRO DE REFERÊNCIA DO IDOSO - CRI DO MUNICÍPIO DE SERRA TALHADA-PE	
Flávia Pereira de Sá	
Elizangela Maria Vieira Dantas	
Josenildo André Barboza	
Maria do Socorro Souza Lima	
Mariana dos Santos Silva	
Fábia Maria de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.7731925017	

CAPÍTULO 8	87
CULTURA DIGITAL E FACEBOOK: ALIENAÇÃO TÉCNICA E A PROMOÇÃO DE POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL	
Thiago Oliveira da Silva Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.7731925018	
CAPÍTULO 9	100
O FLUXO MIGRATÓRIO COMO ÚNICA OPÇÃO PARA MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA	
Cristiane Feldmann Dutra	
Roberta Gabriela Sucolotti de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.7731925019	
CAPÍTULO 10	116
EDUCAÇÃO DO CAMPO E POLÍTICAS PÚBLICAS: O PROJovem CAMPO – SABERES DA TERRA	
Cristina Xavier	
Gabriela dos Santos Silva	
Ramofly Bicalho dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77319250110	
CAPÍTULO 11	128
RELATO DE EXPERIÊNCIA: TRILANDO OS CAMINHOS DO ENVELHECIMENTO ATIVO NO MUNICÍPIO DE SERRA TALHADA-PE	
Flávia Pereira de Sá	
Elizangela Maria Vieira Dantas	
Josenildo André Barboza	
Maria do Socorro Souza Lima	
Mariana dos Santos Silva	
Fábia Maria de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.77319250111	
CAPÍTULO 12	134
A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NO SETOR PÚBLICO	
Jefferson Davi Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77319250112	
CAPÍTULO 13	143
OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DA PRÁTICA DO CONTRABANDO PARA A ECONOMIA BRASILEIRA	
Michele Lins Aracaty e Silva	
Marcela Fróes da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.77319250113	
CAPÍTULO 14	161
EMPRESAS SUSTENTÁVEIS NO BRASIL: SUAS AÇÕES NA ÁREA CULTURAL E AS LEIS DE INCENTIVO FISCAL	
Mariana de Barros Souza	
Adriana Cristina Ferreira Caldana	
Lara Bartocci Liboni	
DOI 10.22533/at.ed.77319250114	
CAPÍTULO 15	180
OS CONCEITOS ORIENTADORES PARA A ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS CULTURAIS EM	

ESTADOS PARTES DO MERCOSUL

Renner Coelho Messias Alves

Janaina Machado Simões

DOI 10.22533/at.ed.77319250115

CAPÍTULO 16 194

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA DO AMAZONAS

Michele Lins Aracaty e Silva

Lorena Ravielly Carlos Almeida

DOI 10.22533/at.ed.77319250116

CAPÍTULO 17 214

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA COM MULHERES CAMPONESAS

Márcia Alves da Silva

Carla Negretto

DOI 10.22533/at.ed.77319250117

CAPÍTULO 18 226

ARRASTÕES DE SÃO JOÃO: A TRANSFORMAÇÃO DO COSTUME EM PRODUTO E O CONSUMO CULTURAL NO RECÔNCAVO BAIANO

Everton Conceição Santos

DOI 10.22533/at.ed.77319250118

CAPÍTULO 19 232

A FESTA DO CAMINHONEIRO: TURISMO RELIGIOSO E CULTURAL NA CIDADE DE ITABAIANA/SE

Leylane Meneses Martins

DOI 10.22533/at.ed.77319250119

CAPÍTULO 20 246

ALMA E RESSONÂNCIA DOS ESPAÇOS CEMITERIAS: EM FOCO, OS *BRITISHES CEMETERIES* NO NORDESTE

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Siefert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.77319250120

CAPÍTULO 21 259

ANÁLISIS FESTIVAL ESTÉREO PICNIC: CRECIMIENTO DE LOS FESTIVALES Y LA OFERTA MUSICAL EN COLOMBIA (2010-2015)

Daniela Herrera Dimaté

DOI 10.22533/at.ed.77319250121

CAPÍTULO 22 272

EXTRATIVISTAS BRASILEIROS DESLOCADOS DA AMAZÔNIA BOLIVIANA: MUDANÇAS NOS MODOS DE VIDA

Emilson Ferreira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.77319250122

SOBRE O ORGANIZADOR..... 287

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA COM MULHERES CAMPONESAS

Márcia Alves da Silva

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas - RS

Carla Negretto

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas - RS

RESUMO: Este trabalho tem origem numa caminhada acadêmica que já dura mais de dez anos e que envolve pesquisa, ensino e extensão e tem sido realizada com diversos grupos de mulheres na região sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Trata-se de uma experiência acadêmica que tem a intencionalidade de trazer uma colaboração na construção de uma pedagogia feminista que incorpore as questões de gênero, tendo como ponto de partida a proposta pedagógica advinda da educação popular em diálogo com o feminismo. A proposta é interdisciplinar, incorporando elementos da área de educação, da sociologia do trabalho e dos estudos de gênero, a partir de histórias de vida que são coletadas em oficinas de produção artesanal com grupos de mulheres camponesas assentadas participantes do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), no interior do município de Pinheiro

Machado, estado do Rio Grande do Sul. Como objetivo busca-se contribuir para um processo de emancipação e empoderamento dessas mulheres camponesas, através da implantação de cursos de artesanato para as mulheres envolvidas. O artesanato funciona aqui como uma importante ferramenta metodológica de trabalho pois, além de oferecer uma aprendizagem que pode auxiliar na ampliação da renda dessas famílias, também se torna um espaço de formação coletiva onde são encaminhadas outras atividades de formação na área de gênero (como filmes, palestras, debates, etc.) onde as mulheres envolvidas podem se repensar a partir do conhecimento da trajetória das mulheres no mundo e na história. **PALAVRAS-CHAVE:** gênero; artesanato; campesinato.

ABSTRACT: This work originates in an academic journey that has lasted more than ten years and involves research, teaching and extension, and has been carried out with several groups of women in the southern region of the state of Rio Grande do Sul, Brazil. It is an academic experience that has the intention of bringing a collaboration in the construction of a feminist pedagogy that incorporates gender issues, starting with the pedagogical proposal coming from popular education in dialogue with feminism. The proposal is interdisciplinary,

incorporating elements from the area of education, work sociology and gender studies, from life histories that are collected in workshops of artisanal production with groups of peasant women settled participants of the Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), in the interior of the municipality of Pinheiro Machado, state of Rio Grande do Sul. The objective is to contribute to a process of emancipation and empowerment of these peasant women through the implementation of handicraft courses for the women involved. The handicraft works here as an important methodological work tool because, in addition to offering a learning that can help increase the income of these families, it also becomes a collective training space where other training activities in the area of genre (such as films , lectures, debates, etc.) where the women involved can rethink from the knowledge of the trajectory of women in the world and in history.

KEYWORDS: gender; handicrafts; peasantry.

1 | INTRODUÇÃO

Esta escrita é parte de uma trajetória acadêmica que vem sendo realizada com grupos de mulheres brasileiras, da região sul do país. Trata-se de uma proposta que vem sendo desenvolvida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel e coordenada pela Profa. Dra. Márcia Alves da Silva.

A proposta tem caráter interdisciplinar e se ancora, especialmente, na área de educação, na sociologia do trabalho e nos estudos de gênero. O projeto tem como meta principal a implementação de oficinas de artesanato com grupos de mulheres, nos mais variados espaços e contextos. Aqui vamos abordar a experiência de produção artesanal com mulheres camponesas assentadas, participantes do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), no interior do município de Pinheiro Machado / RS. A intenção é levantarmos o debate sobre os saberes das mulheres na construção de uma pedagogia popular feminista, na sua interface com os saberes acadêmicos.

Com esse trabalho buscamos contribuir com um processo de empoderamento das mulheres envolvidas, compreendendo empoderamento não como um processo individual ou compreendendo poder na visão patriarcal, mas como a capacidade de ativar o potencial criativo de alguém. Guareschi (2010) aproxima o empoderamento do conceito de conscientização, mas reconhece que vai além disso, afirmando que o empoderamento é o eixo que une consciência e liberdade. Portanto,

Empoderamento é assim para Freire um processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que, criticamente, problematizamos a realidade, vamos nos “conscientizando”, descobrindo brachas e ideologias; tal conscientização nos dá “poder” para transformar as relações sociais de dominação, poder esse que leva a liberdade e à libertação (GUARESCHI, 2010, p. 148).

O artesanato funciona aqui como uma importante metodologia de trabalho

pois, além de ofertar uma aprendizagem que pode auxiliar na ampliação da renda dessas famílias, também se torna um espaço coletivo onde são encaminhadas outras atividades de formação na área de gênero e feminismo (como filmes, documentários, palestras, debates, minicursos, etc.) onde as mulheres envolvidas podem se repensar tendo como ponto de partida o conhecimento da trajetória das mulheres no mundo e na história. Dessa forma, as oficinas se materializam como espaços de construção coletiva e de trocas de experiências de vida onde, aos poucos, a intenção é que as mulheres envolvidas valorizem o que fazem, reconheçam o artesanato como arte e como trabalho feminino e não como algo ‘menor’ e que possa, inclusive, se constituir como uma possibilidade de geração de renda.

Com os grupos de mulheres assentadas da reforma agrária o trabalho realizado já dura mais de três anos e envolve quatro assentamentos na região rural da mesma cidade. Neste período de tempo é possível vislumbrarmos uma trajetória que já demonstra situações possíveis de serem analisadas. Aqui a intenção é fazermos esse exercício de análise e reflexão sobre a caminhada feita.

Este trabalho foi apresentado no XXXI Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia - ALAS, realizado em dezembro de 2017, na cidade de Montevideu, Uruguai, sob o título *Saberes e fazeres de mulheres na construção de uma pedagogia feminista*.

2 | ASPECTOS DO REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL ADOTADO

A partir dos estudos de gênero, categorias como patriarcado (SAFFIOTI, 2004) e divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2003; HIRATA e KERGOAT, 2007) tem se constituído no referencial teórico que possibilita a abordagem das trajetórias de gênero e trabalho feminino. Sobre o patriarcado, Heleieth Saffioti, conhecida como sendo a autora da primeira tese feminista defendida no Brasil, no início da década de 70 do século passado, já afirmava a importância da indissociabilidade entre gênero, classe e raça, o que atualmente denominamos de interseccionalidade. Saffioti (1987, 2013), durante toda sua vida, se dedicou a caracterizar o patriarcado e denunciar sua violência.

O termo patriarcado se refere a toda uma dinâmica de construção social e familiar no qual o homem (enquanto patriarca) submete todas as outras pessoas da família ao seu poder, especialmente as mulheres, mas incluindo também, além das filhas mulheres, os filhos homens.

Na manutenção do patriarcado, sabemos que este sustenta um caráter pedagógico que lhe garante sua hegemonia. Sobre essa construção pedagógica, percebemos que

O que precisamos significativamente é avançar na compreensão do aspecto ideológico de propagação do patriarcado, suas ferramentas de inserção e de reprodução que fazem com que as próprias mulheres, ainda que não sejam machistas, pois não possuem privilégios masculinos, passem a perpetrar e a reproduzir ações sexistas umas com as outras. (LOPES; SILVA, 2016, p. 264)

Dessa forma, o referencial pedagógico utilizado baseia-se na pedagogia popular feminista (OCHOA, 2008), alicerçada na educação popular, com base na obra do brasileiro Paulo Freire. Sabemos que a pedagogia feminista, de cunho popular, não é algo totalmente novo. Faz tempo que sabemos da existência de inúmeras experiências populares realizadas com grupos de mulheres. Nossa experiência com mulheres assentadas do MST também é uma destas. No entanto, o que vemos de forma recorrente são inúmeras iniciativas educativas realizadas em espaços não formais de educação e que se constituem de práticas de oficinas, rodas de conversas e outras atividades pedagógicas que, por diversas vezes, carecem de uma reflexão teórica mais aprofundada. Assim, é fundamental que se sistematize essas experiências, de forma a construir-se uma base teórica, metodológica e epistemológica de uma pedagogia popular feminista.

O conceito de *situações-limite* construído por Freire pode nos auxiliar na compreensão da materialidade que o patriarcado assume, pois ele é a situação-limite imposta às mulheres. Para Freire (2011), as situações-limites são situações entendidas pelos indivíduos como inevitáveis, constituintes da vida em sociedade, normatizadas e naturalizadas no cotidiano da vida social. É dessa forma que percebemos o patriarcado, e não apenas ele, mas também na interseccionalidade com o racismo e o capitalismo, como seus grandes aliados.

Para superarmos essa construção, precisamos construir formas de *percebido-destacado*, que nada mais é do que o processo de consciência, que deve resultar no *inédito-viável*, enquanto construção efetiva de um processo de transformação social emancipatória. Um elemento fundamental para essa tomada de consciência de gênero está na construção de uma *sororidade* entre as mulheres. Para Lagarde y de Los Ríos (2016) sororidade nada mais é do que uma aliança feminista entre as mulheres. É o apontamento de uma consciência crítica, que surge de um processo coletivo de solidariedade entre as mulheres. Portanto, não é um processo individual, mas sim uma caminhada coletiva, de compromisso das mulheres com seu próprio processo emancipatório e de libertação.

É a partir dessas compreensões que podemos avançar na construção de uma pedagogia feminista, com base popular, comprometida com os interesses de classe de uma grande parcela de mulheres que estão alijadas das estruturas de poder e, mais do que isso, estão submetidas de forma violenta e cruel, a essas estruturas.

3 | SOBRE A METODOLOGIA UTILIZADA

No que se refere ao aspecto metodológico adotado nessa experiência, nosso ponto de partida é a *pesquisa participante*, pois essa metodologia investigativa nasce na educação popular e coloca os saberes populares em outro patamar, trazendo para o mundo acadêmico essas representações do mundo de forma respeitosa, valorizando

as experiências populares.

A partir das mobilizações como o Movimento de Educação de Base (MEB) e dos Círculos de Cultura, a pesquisa em educação no Brasil acrescenta para o campo investigativo muitas possibilidades metodológicas de pesquisa. Pesquisa que, tanto na teoria quanto na empiria, buscou um comprometimento com a realidade social. (EGGERT; SILVA, 2011, p. 53)

Dessa forma, a pesquisa em educação vem aumentando seus referenciais metodológicos e seus métodos, ampliando o leque de estudos autobiográficos, tendo o uso de narrativas como elemento central.

Quanto ao uso do artesanato, as mulheres historicamente possuem uma aproximação e um vínculo muito forte com os chamados “trabalhos manuais”. Mesmo na atualidade, com a manualidade sendo suplantada pela produção capitalista mecanizada em massa, muitas mulheres seguem a herança de suas antepassadas e tem na produção manual advinda do artesanato seu sustento, compondo um contexto e um conhecimento pouco analisado pela ciência.



Figura 1: Artesanato produzidos pelas mulheres agricultoras do MST – Brasil, participantes do Projeto. Município de Pinheiro Machado/RS/ Brasil. (Fonte: Acervo fotográfico do Projeto, 2016)

Essa construção de conhecimento é uma atividade laboral, de trabalho, que muitas vezes é invisibilizado pelas próprias mulheres. Há tempos pesquisando esse contexto, não é raro nos depararmos com mulheres que, sustentando suas famílias com a comercialização da produção artesanal, afirmam que “não trabalham” pois, como estão fora do trabalho na lógica do capital, não se percebem como trabalhadoras.

Portanto, a metodologia empregada em nossa investigação está situada no campo das pesquisas de cunho qualitativo, tendo como ponto de partida a experiência da pesquisa participante e adotando ferramentas da pesquisa-formação (situada no campo metodológico das histórias de vida), especialmente do referencial de Josso

(2004) pois, nessa perspectiva, compreende-se o processo investigativo como parte de uma trajetória de vida das envolvidas, constituindo-se a pesquisa como uma experiência formativa, com a possibilidade de se constituir em um espaço para se refletir sobre sua própria trajetória, visando se apropriar-se de sua vida, elaborando e reelaborando sua trajetória, visando a construção do futuro. Dessa forma, “[...] as experiências individuais das mulheres artesãs funcionaram nessa investigação como pano de fundo para a análise de situações mais abrangentes de enfrentamento ou submissão à lógica, tanto do capital quanto do patriarcado” (EGGERT; SILVA, 2011, p.61).

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DE ALGUNS DADOS

Com os assentamentos, o projeto já atendeu mais de 40 mulheres em quatro assentamentos do MST. A experiência tem sido lócus de pesquisas no âmbito da pós-graduação na área de educação onde, atualmente, se realiza a segunda dissertação de mestrado na área.

Na primeira pesquisa de pós-graduação realizada com as mulheres assentadas participantes desse projeto, as agricultoras narraram suas histórias de vida em um bordado, na técnica de bordado chileno denominado *arpillera*. A Arpillaria ou Arpillera é uma técnica têxtil chilena que possui raízes numa antiga tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras de Isla Negra, localizada no litoral central chileno. As arpilleras originais eram montadas em suporte de aniagem, pano rústico proveniente de sacos de farinha ou batatas, geralmente fabricados em cânhamo ou linho grosso, por nós mais conhecido como juta. Toda a costura é feita à mão, utilizando agulhas e fios. Importante ressaltar que nos primórdios dessa construção, as primeiras bordadeiras usavam como tecidos nos bordados as roupas dos seus familiares desaparecidos políticos no período da ditadura chilena. Por isso constituem um trabalho que não só é uma peça artesanal com fins estéticos, mas uma forma de expressão popular, de luta, resistência e, muitas vezes, denúncia – por isso o seu caráter político. (In: GODINHO; SILVA, 2016)

A dissertação de Godinho (2016), na área de educação, provocou-as a confeccionar suas trajetórias de vida de forma estética, a partir da prática de bordar. A seguir apresentamos um desses bordados confeccionados durante a pesquisa citada.



Figura 2: Bordado realizado por uma agricultora do MST, participante do Projeto. Município de Pinheiro Machado/RS/ Brasil. (Fonte: GODINHO, 2017)

A figura 2 mostra um dos bordados confeccionados na pesquisa de mestrado vinculada ao projeto. Este bordado mostra a importância que da produção agrícola na vida da mulher camponesa. A família também aparece como elemento fundamental e em destaque. No trecho abaixo, além desses aspectos fundantes de seu bordado, ela destaca fortemente o processo de luta pela terra no movimento social, a mudança de lugar, a dificuldade de adaptação, etc.

Sinto que bordei a minha vida nesta tela, porque é muito importante para mim ter um lugar onde eu possa ter animais, a minha casa, o meu lote, a minha horta, ter o meu lar. Antes do assentamento aqui só tinha quase fazendeiros, mas com o passar do tempo isso foi mudando e claro que ainda tem. E também tem gente que ainda fala mal de nós, mas são pessoas que não entendem nossa luta. Pois foi com a nossa chegada no município que a cidade começou a melhorar e a evoluir. O lugar onde temos a nossa casa era chão de mato, não tinha banheiro, mas quando a nossa casa veio ela tinha banheiro, quanta coisa veio quebrada, quando mudança chegou, tudo estava estragado. Quando cheguei aqui em 1997 me deu um desespero, era tudo mato, chorei muito debaixo da lona preta, levamos um ano para ganhar a nossa casa. Começamos a lidar na terra e plantar. Hoje temos de tudo! (Narrativa de agricultora do MST e autora do bordado, 2016).

Sob a perspectiva da definição do artesanato como trabalho e não como algo menor, nossa prática investigativa aborda o universo feminino, como vimos, discutindo as potencialidades do artesanato na produção de conhecimento e de empoderamento das mulheres envolvidas. Diversas mulheres declararam que nunca haviam pensado sobre a complexidade do trabalho exercido por suas mães, costurando, cuidando da manutenção da casa, trabalhando na roça, etc. Isso demonstra que as atribuições dos papéis sociais a cada sexo, construído socialmente pelo patriarcado, explora e oprime a vida feminina, fazendo com que o trabalho doméstico, manual e artesanal, seja realizado pela mulher de forma naturalizada e invisível no ambiente privado, enquanto aos homens é reservado a atuação na esfera pública, gerando valorações distintas entre ambos.

É na dialética entre teoria e prática, que essas mulheres constroem saberes que movimentam-se socialmente e politicamente em direção a equidade de gêneros. A apropriação da temática feminista empodera e oferece elucidações para a mulher camponesa combater o patriarcado, desapegando-as da normatização que lhes foram impostas desde o nascimento.

As oficinas artesanais não apenas constroem ambientes para reflexão e emancipação na vida da mulher camponesa, mas favorecem um ambiente propício para a socialização, amizade e troca de experiências, construindo-se, dessa forma, os alicerces para um processo de sororidade, algo que em diversos momentos já foi possível observar-se nos grupos. Essas relações vinham se extinguindo em decorrência das demandas dos afazeres domésticos e do isolamento do trabalho rural que, consomem todas as horas do dia, tornando-se um trabalho repetitivo e cansativo, não restando tempo no dia a dia para uma atuação mais orgânica e coletiva.



Figura 3: Grupo de mulheres agricultoras do MST, participantes do Projeto. Município de Pinheiro Machado/RS/ Brasil.

(Fonte: Acervo do Projeto, agosto de 2014).

Os grupos atendidos pela pesquisa apresentaram características bem distintas. De um lado, encontramos mulheres mais desprendidas da dominação patriarcal, mas que sentem culpa por deixarem seus filhos e atividades domésticas para trás no dia que realizamos oficina, o que demonstra o estímulo histórico da sociedade machista de naturalizar o serviço doméstico e cuidado da família como sendo obrigação exclusiva da mulher, vinculada ao aspecto biológico. Do outro lado, temos um grupo de mulheres que não se imagina deixando seus maridos e filhos sem o almoço pronto, visto que no dia que são realizados os encontros, estes ocorrem durante todo o dia, incluindo o almoço coletivo como forma de unificar o grupo.

Não obstante todas estas diferenças, que tornam a vida de mulher mais ou menos difícil, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos e imputada ao elemento

feminino. Torna-se, pois, clara a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico a mulher. A sociedade investe muito na naturalização deste processo. E tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico a mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz (SAFFIOTI, 1987, p.09).

Compreender essas especificidades da realidade local é de extrema importância nessa construção coletiva, pois elas enriquecem o processo, tornando possível cumprir as premissas da pesquisa de acordo com a metodologia da educação popular feminista e das relações sociais de gênero.

A construção dialógica das oficinas leva em conta a pertinência dos relatos trazidos pelas próprias participantes sobre a supremacia masculina. Nelas ocorrem o desenvolvimento de dinâmicas, vídeos, debates e *rodas de conversa*, que contribuem em muito para enfrentar a ideologia da “inferioridade feminina” e a dominação patriarcal.

A proposta das *rodas de conversa* é realizada com os grupos antes e durante a confecção artesanal, e serve para que as participantes possam perceber as diferenças intrínsecas que existem entre homens e mulheres, e que os gêneros não ocupam posições iguais na sociedade brasileira.

A reflexão do conceito de divisão sexual do trabalho revisita a literatura pertinente das categorias de relação de sexo e gênero de Saffioti (2013), Lagarde (1997), Carrasco (2003) entre outras, pois essas leituras nos auxiliam na teorização da luta feminista em todas as ações que as mulheres fazem ao longo da vida, que vão desde o cuidado da casa, educação das crianças, cuidado do lote e as atividades agrícolas. Se pararmos para averiguar, contemplaremos dentro desses assentamentos pesquisados, que as atividades desempenhadas pelas mulheres camponesas são em sua grande maioria triplicadas, em relação as atividades realizadas pelos homens.

São as mulheres, em sua grande maioria, que primeiramente despertam no alvorecer do dia no campo. São elas que ordenham as vacas, aprontam o desjejum, desadormecem e preparam as crianças para a escola e executam rapidamente o serviço doméstico antes de destinar-se com o companheiro nas atividades do lote. Na metade do dia são elas que, mesmo cansadas da lavragem do campo, preparam o almoço e se encarregam das demais atividades domésticas que ficaram para trás. No intervalo da tarde, elas reassumem as atividades do lote, regressando para casa no final do dia para efetuar as mesmas tarefas reprodutivas relacionadas ao cuidado e aos afazeres domésticos.

[...] torna-se então coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Carrasco (2003) problematiza o trabalho doméstico, desenhando um novo paradigma, que ela denomina de paradigma da sustentabilidade da vida humana. Nessa nova teoria, o trabalho doméstico e tudo o que acontece nesse espaço do

privado passa a ser o centro da vida em sociedade, pois é nesse espaço que se constrói todo o alicerce que vais permitir a manutenção da vida, tanto biológica, como psicológica e social.

Essa relação assimétrica entre os sexos reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade. As relações sociais entre os sexos se apresentam desiguais, hierarquizadas e marcadas pela exploração de um sexo sobre o outro. É nesse contexto que a educação popular feminista entra em ação, transformando as reclamações e queixas, que muitas vezes aparecem nas *rodas de conversa*, em pautas de luta feminista pelo direito da equidade entre os gêneros, direito a ter voz nos espaços de decisão, direito a participação econômica nos lucros e direito à felicidade plena.

[...] o conhecimento do mundo também é feito através das práticas do mundo; e é através dessas práticas que inventamos uma educação familiar às classes populares. [...] há modos de conhecer o mundo e as classes populares têm um modo peculiar de conhecimento (FREIRE, 2011, p. 20).

Dessa forma, as narrativas advindas das histórias de vida, tem nos permitido compreender e discutir como ocorre as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres dessa localidade, onde “a memória é o elemento chave do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, em geral Histórias de vida, Biografias, Autobiografias, Diários, Memoriais” (Abrahão, 2004, p. 202).

As (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória (ABRAHÃO, 2004, p. 203).

Nessa perspectiva, podemos dizer que a produção das peças artesanais ocorre como valorização da trajetória e do trabalho feminino. É muito importante que as mulheres agricultoras percebam que o papel da mulher dentro do contexto histórico foi fundamental para a sobrevivência da humanidade, pois foram as mulheres que, mesmo reclusas, desenvolveram as primeiras técnicas de agricultura, a arte da cerâmica, da pintura, os cestos de palha, enquanto os homens se destinavam à caça e a pesca. Elas desenvolveram a prática do uso de ervas para uso medicinal. Não podemos deixar de reconhecer nossa importância na história, mesmo que seja doloroso conhecer a discriminação à que fomos historicamente submetidas.

Sobre a experiência, uma agricultora disse:

Eu gosto de artesanato, gosto de vir participar das oficinas, primeiro porque as oficinas unem o o grupo né... nós somos sozinhas aqui e precisamos umas das outras pra se sentir mais forte (risos)... e segundo, porque a gente aprende um montão de coisas diferentes, que daí a gente faz e vende pro pessoal da cidade. (Assentada A).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa experiência foi salientado, tanto por parte das pesquisadoras como

por parte das pesquisadas, a valorização do conhecimento acumulado nas práticas do cotidiano – ponto de partida para compreensão e construção de novos conhecimentos. É possível perceber que a prática de oficinas coletivas de artesanato como atividade de emancipação – tanto financeira como feminista - reflete sobre as relações sociais e auxilia fortemente no aprendizado de como a realidade do patriarcado acontece.

É no íntimo dos diálogos que permeiam as oficinas que as narrativas trazem forte significado pessoal. É discutindo o feminismo e revisitando os pressupostos da vida que lembramos de fatos curiosos que nos tornaram o que somos. É através dessa memória resgatada que entrelaçamos passado, presente e futuro, pois é olhando o passado que conseguimos compreender as cicatrizes da opressão, para planejarmos o futuro.

Importante salientar a sensibilidade que a equipe da Universidade procura ter com as mulheres envolvidas, reconhecendo seus saberes e incorporando seus desejos e opiniões em todo o processo, isso quer dizer que partimos do conhecimento delas, jamais impondo nosso olhar sobre o grupo, mas sim construindo com elas a caminhada, revisitando nossa própria história de vida, conforme Josso (2004) já nos ensinou, na sua elaboração de compreensão da pesquisa como um processo de “caminhar para si”.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (org.). **A aventura (auto)biográfica – teoria & empiria**. v. 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (orgs.). **A produção do viver**. São Paulo: SOF, 2003. p. 11-49.
- EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. Observações sobre pesquisa autobiográfica na perspectiva da educação popular nos estudos de gênero. **Contexto & Educação**, v.26, n.85, 2011. p. 51-68.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GODINHO, Eliane. **O “Artesanato de Si” de mulheres assentadas do MST: um processo político pedagógico feminista pelo viés da educação popular** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pelotas – Brasil, 2017.
- GODINHO, Eliane; SILVA, Márcia Alves da. O trabalho de mulheres assentadas do MST retratado em arpilleras enquanto uma proposta pedagógica feminista. **I Congresso Internacional de Memória e Educação: narrativas (auto)biográficas**. Santa Maria, 2017.
- GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.147-148.
- HIRATA, Helena, KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, 2007, p. 595-609.
- JOSSO, Marie-Christine. **Histórias de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Em M. Emílio, et al (Eds.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-63.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, M. Sororidad. In: CASTRO, Amanda; MACHADO, Rita de Cássia (orgs.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016. p. 25-33.

LOPES, Daniele, SILVA, Márcia Alves da. Da educação não sexista à pedagogia feminista. In: CASTRO, Amanda, MACHADO, Rita de Cássia. **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016. p. 263-275.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí - Pedagogía feminista: una propuesta**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-077-3



9

788572 470773